Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 782

20 DE SETEMBRO DE 1900

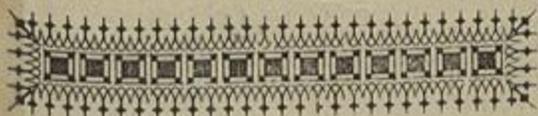
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

S. A. O PRINCIPE D. MIGUEL DE BRAGANÇA

S. A. O INFANTE D. FRANCISCO JOSÉ DE BRAGANÇA

CHRONICA OCCIDENTAL

Realisou-se na segunda feira, 17, o enterro de Eça de Queiroz, cujo cadaver fôra, desde o Havre até ao Tejo, transportado a bordo do *Africa*.

Não foi ao grande escriptor portuguez prestada a homenagem que lhe era devida, a não ser que como tal se queiram considerar uns signaes de lucto, com que foram decorados o arco da rua Augusta o theatro de D. Maria e os candeeiros de illuminação publica.

O acompanhamento era desconsoladoramente pouco numeroso, devido talvez ao facto de se achar grande parte da população de Lisboa veraneando longe.

Mas a verdade é tambem que os convites feitos pela commissão de imprensa tiraram toda a expontaneidade á manifestação, não havendo certeza se muitos dos que no enterro compareceram ou se fizeram representar prestaram assim homenagem ao grande morto ou foram simplesmente amaveis com quem os convidou, pedindo-lhes a honra da sua comparencia.

Eça de Queiroz, cujas maiores qualidades foram o espirito satyrico e o desenho caricatural, não era um escriptor popular, o que lhe não foi deslustre. A popularidade nem sempre é recompensa do trabalho artistico, mesmo quando se trata dos maiores genios. O conde Villiers de l'Isle Adam morreu de miseria n'um hospital, em França, ha meia duzia d'annos. Casou á hora da morte e a noiva appareceu de pés descalços.

Mas, quando se cuida d'uma manifestação, que tem de ser materialmente apparatosa, como n'este caso, a popularidade é condição essencial de exito Por isso o enterro de João de Deus foi commovente e o de Eça de Queiroz não correspondeu, como homenagem, ao que desejavam todos os amigos e admiradores do insigne romancista, dos maiores que honraram Portugal.

Os livreiros aproveitando a occasião propicia de alguns artigos mais longos, puzeram novamente em exhibição a obra de Eça de Queiroz, que tantas e tão boas horas de deliciosa leitura nos forneceu, desde o *Crime do Padre Amaro* até aos capitulos da *Illustre Casa Ramires*, romance interrompido pela morte do jornal, que o publicava.

E vendo ali em fila, dentro das suas capas, aquelles livros todos, passámos em revista a grande quantidade de typos n'elles descriptos e o grande regimento de caricaturas, ao qual commenda, victoriosa, cheia de si, pomposa e ôco, a mais conhecida dos felizes criações do incomparavel satyrico, o bom, o venerando Conselheiro Acacio.

Ora a esse homem, correndo os tempos, vai-lhe assumindo a vida umas ligeiras parecenças com a de D. Quixote. Criado pela phantasia de Cervantes para nos fazer rir, ás vezes, muitas vezes, fez-nos chorar o heroe manchego. E' que a sua alma era o ultimo abrigo d'um sentimento que veio a faltar no mundo e de que os poetas teem saudades.

O Conselheiro Acacio nasceu ridiculo, tão ridiculo que nunca ha de fazer chorar ninguem; mas era honrado e tinha ideaes, e não nos parecem melhor do que elle os cynicos elegantes, que possam substituil-o nos cargos publicos. Elle acreditava n'*isto*. Sempre é melhor do que viver d'*isto* e não acreditar em coisa alguma.

Esse typo d'homem limpo vai faltando e faz falta.

Exemplar rarissimo já, apenas, uma ou outra vez, a medo, apparece, como aquelle que, ha dias, chamou um dos officiaes de uma repartição, que n'um requerimento escrevera *sua majestade*, parte n'uma linha e parte n'outra. E todo elle attenções : — «Sua Majestade nunca se corta !»

A tarde em que o enterro se realisou, depois de um dia de calor intensissimo, adornou-se com todas as melancolias do outomno, que tão proximo já vem. Ao voltarmos do cemiterio, olhámos por acaso para aquelle alto da Penha de França tão lindo, tão docemente recortado no azul, agora já começado a estragar tambem com essas construcções modernas, tão desengraçadamente antipathicas. Mas a egreja ainda estava linda, toda doirada com uma tinta muito leve e amorosa, e um muro caiado e um renque de casinhas pobres e uma ultima, pobrissima, uma porta e duas janellas, onde Beldemonio, que tambem foi um grande artista da lingua, soffreu as mais horriveis miserias.

E era natural que, na volta do enterro de Eça de Queiroz, me lembrasse d'aquelle outro morto, tão desamparadamente levado pela tisica, pelos desgostos e pela miseria, que nem do seu enterro se deu parte a ninguem.

Ha gente a quem a desgraça persegue até depois da morte.

Depois da morte tem a desgraça perseguido a Sousa Martins, a quem numerosos amigos quizeram prestar a mais subida das homenagens e que muito repesos devem estar do máo caminho que tomou sua dedicação ao querido mestre.

Logo que foi inaugurada a estatua do que foi entre portuguezes a maior gloria medica dos ultimos tempos, os que mais requintadamente se commovem por coisas d'arte protestaram contra a escolha do projecto approvado e ainda mais contra a sua execução, mal acabada, diziam elles, e dando á estatua principal uma posição ridicula.

O monumento inaugurado, ha poucos mezes, no Campo de Sant'Anna, em frente do novo edificio da Escola Medica, vae ser brevemente demolido e substituido pelo projecto do sr. Costa Motta, esculptor distincto, que deu provas do seu talento no projecto que fez para a estatua de Affonso de Albuquerque, de que já apresentou ao publico magnificos baixos relevos.

Diz-se, porém, que o primeiro esculptor preferido apresentará o seu protesto e levantará questão. Razões decerto não deixará de encontrar no codigo.

Tudo ha de ser discutido nos tribunaes competentes e bom será que a arte e a cidade lucrem com essas questões alguma coisa. Cremos que em boa paz será dada a decisão final.

Em boa paz tambem acabaram algumas pendencias que chegaram por estes calores abrazadores a excitar a curiosidade. Nunca se falou tanto de duellos como nos ultimos dias. Mas, soceguem, tudo se concluiu sem derramamento de sangue e sem menoscabo da honra dos interessados. Uma só d'essas pendencias espera ainda conclusão, a d'um redactor do *Seculo* com um official do nosso exercito, contra quem, segundo se diz, vai proceder a justiça militar.

Scena de sangue houve-a e grande no bairro de Alfama, entre fadistas, que se desancaram, apedrejaram e esfaquearam, ficando um d'elles em tal estado, que até lhe escreveram o necrologio.

Quando as coisas são lá entre elles, devia a justiça mostrar-se muito benevola. Seria talvez a maneira de mais cedo nos vermos livres d'essa má raça, que, só talvez, mas isso era d'antes, tivesse a virtude de tocar guitarra e cantar bem o fado.

Um d'elles, o que deu a facada, tinha no cadastro oitenta e tantas condemnações. Entretanto andava á solta, o que não se percebe muito bem. E' homem de muitas protecções, dizem. Mas isso explica alguma coisa ? Se explica, é coisa triste.

Emquanto esse patife passeia, come e bebe á larga, protegido e até talvez protector, umas centenas d'homens embarcam risonhamente, para longe da terra onde nasceram, para manter o nome, honrar a bandeira, defender os direitos de Portugal.

As ultimas noticias da chegada a Lourenço Marques de Kruger, o denodado Presidente da Republica do Transwal, dará talvez uma nova feição ás questões do sul d'Africa e por isso, o paquete em que partiu a expedição, deverá talvez tocar nas nossas possessões occidentaes em mais alguns portos de que fôra primitivamente determinado, em vista de novas ordens possiveis.

Ha quem julgue que está para muito proximo o fim da guerra. Kruger parece ter plenos poderes para tratar da paz. Diz-se que breve partirá para a Europa, dirigindo-se á Hollanda, terra da sua naturalidade, vencido, mas cheio d'honra.

Foi uma lucta heroica a que os boers sustentaram contra forças muitas vezes superiores. Deu-lhes animo o amor da terra, que escolheram para viver, talvez a justiça que lhes assistia. Diz um velho proverbio portuguez: E' tal a força de cada um em sua casa, que, até depois de morto, são precisos quatro homens para pôl-o fóra.

Entretanto a expedição portugueza vai a caminho de Lourenço Marrques. Nós, que duvidamos de tanta coisa nossa, uma só nenhum portuguez se atreve a pôr em duvida: a forma porque o nosso soldado sabe cumprir o seu dever.

E rindo e brincando e chalaçando, os soldados a bordo despediam-se dos que ficavam.

Com graças de soldados portuguezes escreviam-se volumes.

Ha dias, em Mafra, foi vendida uma mula que se inutilisára para o serviço militar. Era a 3, e pelo numero era conhecida. No dia seguinte o saloio que a comprára poz-lhe uns ceirões e descuidando-se, deixou-a fugir. A mula immediatamente enfiou para o quartel, o chouto, algum tanto atrapalhada com os novos arreios. E diz logo um soldado :

—O' camaradas ! Olha a 3 á paisana !

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

Vai-se approximando o termo do grande concurso internacional. Os parisienses elegantes, como nos outros annos normaes, abandonaram Paris; mas foram substituidos por milhares de estrangeiros e de provincianos, que todos os dias se apeiam nos caes das estações e dão á grande capital essa animação extraordinaria, em que ha tantos mezes andamos, sem que ainda nos vejamos a ella costumados.

Como fôra previsto, o mez de setembro, com sua temperatura mais moderada, foi o escolhido pela maioria dos estrangeiros para a visita a esta maravilhosa exhibição de todos os progressos do grande seculo, que está expirando, a que chamam o das luzes e que se ficará chamando o do ferro e do vapor.

Ha numeros que pela grande quantidade de algarismos se tornam, por assim dizer, incomprehensiveis á imaginação humana. E' assim que para dar-se uma idéa da distancia de certas estrellas é preciso escolher-se uma outra unidade metrica, em vez d'aquella a que estamos costumados. Sabido que a luz percorre oitenta mil leguas por segundo, dá-se idéa da distancia d'uma estrella dizendo-se quantos annos sua luz gasta a chegar até á terra. Pois muito bem, imaginemos agora a quantidade de ferro empregado na Torre Eiffel, sabendo se que só a camada de tinta com que ultimamente a giganta foi repintada pesa... sessenta toneladas !

Pois o ferro da grande torre é apenas uma fracção (não diremos insignificante) do numero extraordinario de toneladas que foram precisas para cobrir os duzentos e vinte mil metros quadrados da exposição.

Mas aqui mesmo já se encontra uma pequenina ponte construida com vigas de aluminio e póde bem ser que este metal venha a dar seu nome ao seculo futuro. Quem sabe se o ferro não está por um triz a ver terminado o seu reino ? O aluminio é dos metaes mais espalhados pela natureza ; quando apparecerá o chimico que descubra um facil processo industrial para a sua extracção ?

O vapor, por ora rei absoluto, que é ainda hoje o productor de toda a força empregada n'esta exposição, parece querer depôr o sceptro. Entretanto as machinas vão consumindo diariamente duzentos mil kilos de carvão, que transformam em vapor cento e cincoenta mil litros d'agua.

A luz gerada por esta machina colossal é egual á de sete milhões de velas. Sommando-lhe a que é produzida pelo gaz e pela acetilene, far-se-ha idéa do que seja a maravilha da illuminação da porta monumental, dos Campos Elysios, dos Invalidos, da ponte Alexandre, do Palacio da Electricidade, do Chateau d'eau.

A apotheose do vapor ! Se elle tem effectivamente de morrer, que morte gloriosa lhe preparou a exposição deslumbrante ! A machina de vapor gerando a electricidade, ha de um dia, talvez breve, ser por esta condemnada á immobilidade eterna.

O grande problema, que parece estar em via de solução é o do aproveitamento das forças naturaes, que os progressos da electricidade hão de um dia permittir captar, transportar, transformar e utilisar. Só a queda do Niagara poderia fornecer uma força egual á do carvão, que n'um mesmo tempo é consumido no mundo inteiro. Um systema de dynamos e de turbinas hydraulicas permittirá, segundo esperam os engenheiros americanos, offerecer á industria, por um preço baratissimo, essa força verdadeiramente colossal. Do mesmo modo poderão ser aproveitadas as marés.

E, quando acabamos de dar uma volta por essas salas immensas, onde a electricidade faz milagres, acreditamos piamente quanto nos contem do futuro radiante que espera a industria, a qual ha de transformar completamente a maneira de viver da humanidade. Uma revolução social levada a cabo pelos grandes homens da sciencia Era essa a fé d'aquelle sabio tão sympathico, que nos apparece a dar luz a duas ou trez paginas do *Paris* de Zola

Paris—16 de setembro de 1900. *M. C*

AS NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE D. MIGUEL E O INFANTE D. FRANCISCO JOSÉ DE BRAGANÇA

O mez de setembro é para a familia de Bragança, exilada e reinante — tanto pode a força das coincidencias ! — um mez de datas egualmente memoraveis. Os actuaes soberanos portuguezes vêem passar o dia dos seus annos em 28 de setembro, a familia exilada festeja em 3, 7, 19 e 22 do mesmo mez os anniversarios natalicios da infanta D. Maria Anna, do infante D. Francisco José, do sr. D. Miguel de Bragança e do principe D. Miguel, seu filho.

O dia 19 de setembro foi este anno commemorado pelo partido legitimista com um brilhantismo deveras significativo do inaudito avigoramento de crenças que espelha esse grupo de homens, a cuja isenção de caracter os proprios antagonistas não podem deixar de louvar como um exemplo sem egual.

São de toda a justiça as palavras que no dia seguinte lhes dedicou o nosso presado collega *O Popular*, palavras que, dirigidas por um jornal portuguez a portuguezes, são egualmente dignas de quem as escreveu e das pessoas a quem são dedicadas. Pedimos venia para as reproduzir :

«Inspiram respeito todas as dedicações inabalaveis, maiormente as politicas, que são por via de regra as menos duradoiras, O partido legitimista é, na politica portugueza, um notavel exemplo de fidelidade ao seu ideal dynastico. De pais a filhos tem sido transmittidos, como indiviso legado de familia, o amor e a lealdade aos representantes do principio da «legitimidade», encarnado, primeiro, no infeliz principe D. Miguel de Bragança, e agora em seu filho e netos.

Pela nossa parte, não commungando os mesmos principios dynasticos, somos comtudo os primeiros a respeital-os como um nobre exemplo de isenção politica e lealdade partidaria.

Por isso, e porque são portuguezes como nós aquelles que hontem celebraram a festa do seu partido, lhes enviamos as nossas felicitações.

Temos n'esse partido um collega nas lides da imprensa, *A Nação*, que, atravéz de todas as contingencias dos tempos, tem mantido puro e inta-

cto o seu ideal politico, pautando sempre o seu procedimento pela cortezia da phrase, que não é incompativel com o ardor da convicção e do combate.

E' um bom collega, ao qual, como demonstração da nossa consideração e camaradagem jornalistica, enviamos especiaes felicitações pelo dia de hontem.

Temos tambem muito respeito, e não lhe recusaremos felicitações, pela familia do sr. D. Miguel de Bragança, familia creada e educada no exilio sob um regimen de costumes exemplares, que a tornaram recommendavel ás côrtes da Europa, com grande numero das quaes está hoje ligada por estreitos laços de parentesco.

Dizendo estas palavras, cumprimos um dever de respeito por adversarios politicos, que nos merecem consideração sincera.»

No seu papel de ajuntar elementos para o estudo da historia contemporanea, alta empreza que ha vinte e tres annos vimos desempenhando, o Occidente insere hoje nas suas paginas os retratos dos dois filhos do sr. D. Miguel de Bragança, o principe D. Miguel e o infante D. Francisco José, dois jovens em quem se consubstanciam nobremente as qualidades de seus illustres paes e avós.

O principe D. Miguel de Bragança, em quem se perpetua a familia exilada pela segurança da legitima successão, é um digno continuador das tradições da sua casa e herdeiro dos seus direitos e homenagens.

Nascido a 22 de setembro de 1872 vae em breves horas completar vinte e dois annos de edade, vinte e dois annos que são uma ridentissima promessa, pelo seu talento e qualidades.

Nos estudos secundarios e nos superiores D. Miguel de Bragança alcançou sempre os primeiros premios e grande numero de distincções.

A sahida da escola militar de Dresde, foi desde logo, como homenagem ao merito e mercê do rei de Saxe, honrado com o posto de alferes no regimento de cavallaria da guarda, onde é já tenente.

O seu retrato revela claramente os dotes naturaes que o exornam e o principe portuguez merece bem todo o apreço que partidarios e não partidarios, proximos ou affastados lhe dedicam sinceramente.

O infante D. Francisco José completou no dia 7 do corrente a sua maioridade, segundo as leis portuguezas, pois que nasceu em 1879, contando hoje a formosissima edade de 21 annos. Mas em verdade a edade legal da emancipação de ha muito que fora supprida, mercê da sua reflexão asisada e do exemplar convivio da familia e do ensinamento paterno.

Accentuadamente portuguez, na physionomia e no caracter, o seu semblante e o seu trato attestam expressivamente a sua nacionalidade. E' um infante portuguez, todos exclamam ao vêr-lhe o rosto sympathico e caracteristico do nosso paiz.

Enthusiasmado com o facto, que as leis atavicas tão bem explicam, escrevia ha pouco um ardente legitimista ao biographal-o:

«Se pelo patronato lhe veiu no baptismo o nome de Francisco José, a primacial figura entre soberanos, imprimiu-lhe aquelle diminuitivo (o de *Chico*, por que no tratamento em familia o chamam) o traço mais indelevel da sua nacionalidade.

Portuguez n'isso, portuguez pelo nascimento, portuguez no physico, não o é menos no genio irrequieto, na grandeza do coração, no amor da patria. Se algum defeito tem é caracteristico nosso. Define em terra estranha, sem hesitações, o typo portuguez.

Por certo que a hereditariedade e a educação foram factores no delineamento d'elle, mas o facto impressionante de uma alma, uma figura, um homem tão fundamente nosso, em terra tão distante, com o só conhecimento mental d'esta, assoma á flôr de tudo o mais, e ou o atavismo ha-de vir corroborar, no preito ao facto, o patriotismo do sangue que circula n'aquellas veias, ou a determinação providencial ha-de ser crida como ensinamento, para justiça ao passado e esperança no futuro.

Estão alli 21 annos, que hoje se completam, mal iniciados ainda quando a orphandade materna veiu juntar-se á exclusão da patria politica; felizmente que nem lhe faltaram os cuidados de uma santa Avó, mais que duas vezes mãe, e Mãe modelar para as que o quizerem ser, nem a direcção educativa de Pae, cujos sentimentos e crenças que o coroariam principe se o não fôra por successão legitima.»

A educação do infante D. Francisco tem corrido sempre bem orientada. Das lições particulares, no seio da familia, passou aos grandes collegios da Companhia de Jesus, especialmente no de San Remo, onde revelou clara intelligencia e a viveza natural de um peninsular.

Dedicando-se á vida militar, iniciou-a na Allemanha, onde, completou o curso. Depois inscreveu-se no exercito austriaco, onde tem o posto de alferes, servindo no regimento de hussares n.° 7 aquartelado parte em Grosswardein, parte em Debreszin, na Hungria, residindo ora n'uma, ora n'outra cidade, no mesmo regimento em que seu pae ascendeu a coronel, deixando de si tão boa recordação que cada vez que visita seu filho é occasião de festa de sincero regosijo.

Cavalleiro eximio, affirma com essa qualidade a sua descendencia de D. Miguel I. Tendo sahido da Escola de Equitação com classificação de distincto, deve em breve ser promovido ao posto immediato.

Risonho futuro teem, pois, os dois jovens principes de Bragança, tanto pelas suas qualidades pessoaes, moraes e de caracter, como de nascimento e gerarchia.

DR. NOGUEIRA SAMPAIO

Era um dos mais illustres cidadãos açorianos o dr. José Augusto Nogueira Sampaio, fallecido em Angra do Heroismo a 26 de julho ultimo, venerando pae de dois não menos distinctos terceirenses, os srs. José Augusto da Silva Sampaio, o sabio auctor da grande obra *Diccionario de technologia aduaneira*, e dr. Alfredo da Silva Sampaio, guarda-mór de saude d'aquella cidade.

Como homem de sciencia, o dr. Nogueira Sampaio era em extremo considerado, tanto nas ilhas dos Açores, como fora d'ellas. O seu nome estava consagrado desde muito. A sua distincta individualidade era reverenciada por quantos o conheciam.

Da sua alta sabedoria, do seu civismo, das suas nobilissimas qualidades, é pregão constante a gloriosa memoria que de si deixou o illustre extincto.

Ornamento da medicina contemporanea portugueza, o seu saber brilhou em muitos outros ramos com verdadeira proficiencia, nas operações cirurgicas, no professorado, nos trabalhos litterarios.

Da sua biographia daremos uma idéa, reproduzindo os dados da que lhe dedicou o diario *A União* de Angra do Heroismo, em 2 de fevereiro de 1898, n.° 1:240, por occasião de lhe publicar o retrato. Espelha-se n'essas linhas uma epopeia de trabalho.

*
* *

O dr. José Augusto Nogueira Sampaio nascera a 11 de dezembro de 1827. Foram seus paes o cirurgião de brigada Manuel Gomes Sampaio e D. Guilhermina Candida Nogueira Sampaio. Seu pae fez as campanhas da guerra peninsular e do cerco do Porto, deixando boa memoria de si, tanto como facultativo habil como caracter integro.

Começou o dr. José Augusto Nogueira Sampaio os seus estudos preparatorios em Angra sob a direcção do deão Narciso Antonio da Fonseca e do padre Jeronymo Emilio d'Andrade.

Aos 15 annos incompletos matriculou-se na Universidade de Coimbra, afim de seguir o curso de medicina, obtendo nos dois primeiros annos da faculdade de mathematica e de philosophia, o 2.° *accessit* em ambas as aulas d'aquelles annos. Em seguida matriculou-se no 3.° anno da faculdade de philosophia, ultimo dos preparatorios, para a faculdade de medicina, fazendo acto em outubro de 1846, em consequencia de terem sido interrompidas as aulas da Universidade, por causa do movimento politico da revolução do Minho.

Depois, temendo a continuação das convulsões revolucionarias, que já em 1844 tinham determinado o encerramento da Universidade, resolveu ir para o estrangeiro seguir a carreira de medicina, e escolheu a Universidade Catholica de Louvain, a mais antiga e a mais celebre da Belgica, onde professavam sabios de alto valor como Van Beneden, Th. Schsoann, Hubert, Van Kempen e outros de quem elle foi discipulo.

Em outubro de 1847 matriculou-se no 1.° anno da faculdade medica d'esta Universidade, e no fim de anno e meio fez o seu primeiro exame, o de *candidatura*, no qual obteve a classificação de *maior distincção*, passando depois para o curso de *doutorado*, que concluiu em outubro de 1850, sendo graduado com os titulos de *maior distincção*, defendendo depois theses publicas, em cujo acto foi approvado por acclamação *(Stante pede)*, de que se lhe mandou passar um diploma especial, além da sua carta de formatura, e que foi referendado pelo nosso embaixador em Bruxellas.

Poucos mezes depois de seu primeiro exame de *candidato*, foi nomeado interno na maternidade de Louvain, e depois de seis mezes d'este internato foi a outro concurso para o logar de interno no Hospital civil de Louvain, exercendo durante um anno as funcções de interno de clinica medica, e outro anno as de interno no serviço de clinica cirurgica. Além do diploma justificativo d'estes empregos que exerceu n'uma Universidade estrangeira, possuia attestados os mais honrosos passados pelos directores do referido hospital.

Chegando a Lisboa em novembro de 1850 requereu exame de habilitação para exercicio da clinica em Portugal; e, devendo este exame durar oito dias, foi approvado plenamente ao fim de 4 dias. Pela Escola Medica de Lisboa, onde teve logar este exame, se lhe passou um diploma onde é dito que o doutor José Augusto Nogueira Sampaio fôra approvado e estava habilitado a exercer a sua profissão em todo o paiz de Portugal.

Em fins de dezembro d'esse anno chegou á Ilha Terceira, contando apenas 24 annos de edade, e á sua patria o chamava a edade avançada de seu pae, por quem era extremoso, preferindo assim o gozo de viver no seio da sua familia, a maiores interesses que talvez pudesse usufruir n'outra localidade.

Em 8 de fevereiro de 1851 realisou o seu consorcio com a ex.ª sr.ª D. Emilia Augusta da Silva Sampaio, de cujo enlace houve dois filhos: o illustrado e distincto official aduaneiro sr. José da Silva Sampaio, e o conceituadissimo medico e habil cirurgião sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio, duas individualidades respeitaveis pela sua illustração e conhecimentos profissionaes.

Em 1852 entrava no serviço de cirurgião effectivo do Hospital de Santo Espirito d'aquella cidade, logar que até então fôra exercido por seu pae.

A qualidade de serviços que prestou durante muitos annos, foi devidamente apreciada pela meza administrativa do referido hospital, quando em 1888 pediu a sua exoneração. Essa meza, agradecendo-lhe esses serviços, confessava que a sua falta difficilmente seria substituida.

Em 1857, tendo fallecido o dr. Nicolau Caetano Bettencourt Pitta, foi o dr. Sampaio nomeado medico do partido municipal, tendo já exercido gratuitamente este logar durante os ultimos tres annos anteriores.

N'esse mesmo anno, estando vago o logar de Delegado do Conselho de Saude Publica do Reino, que tambem era exercido pelo dr. Pitta, a elle concorreu o dr. Sampaio, que foi nomeado, e cujas funcções exerceu com louvor até 1869 em que, por virtude da nova organisação do serviço de Saude, passou a ter o titulo de Delegado de Saude, cujas funcções tambem exerceu até 1877 em que passou a gerir a Estação de Saude de Angra por fallecimento do Guarda mór de Saude, Antonio José d'Amorim. Desempenhou este logar até 1896 em que pediu a sua exoneração para ceder o logar a seu filho sr. dr. Alfredo da Silva Sampaio, actual Guarda-mór de Saude.

Em 1856 serviu como cirurgião mór da guarnição de Angra, e pelos seus bons serviços foi nomeado *cirurgião ajudante* dos corpos do exercito. (Ordem do dia n.° 8 de 31 de agosto d'esse anno).

Em 1874, grassando na guarnição do Castello de S. João Baptista, de Angra, uma grave epidemia de febres typhoides, estabeleceu-se uma enfermaria militar no hospicio civil d'aquella cidade que foi confiada á direcção do dr. Sampaio. Como prova dos seus bons serviços, foram-lhe conferidas as honras de *cirurgião ajudante honorario* dos corpos do Exercito. (Ordem do dia n.° 36 de 1884).

Durante o tempo em que foi medico municipal muitas foram as epidemias que se manifestaram em varias freguezias do seu concelho, comparecendo sempre nos logares affastados em companhia do seu collega o dr. Rodrigo Zagallo Nogueira.

Quão popular e querido era o nome do dr. Sampaio prova-o o *Te-Deum* celebrado na Egreja do Livramento em Angra, por occasião do restabelecimento da doença por que passou em 1889, e outro na egreja de S. Francisco pelo mesmo motivo, promovido o primeiro por muitos dos seus admiradores, e o segundo pelos illustres professores dos lyceus e seminario como preito de consideração pelo seu saber e virtudes civicas.

O interesse que a população d'aquella ilha tomou n'essa occasião, attesta claramente que o dr. Sampaio foi sempre querido de todas as classes da sociedade.

Em 1852 foi o dr. Sampaio eleito camarista, cargo que exerceu no biennio de 1852 a 1854.

Por varias vezes foi nomeado procurador á

Junta Geral de Districto, e depois Vogal do Conselho de Districto, cujas funcções desempenhou até á extincção d'este tribunal.

Foi membro da Sociedade Agricola de Angra desde a sua fundação até á sua substituição pelo conselho de agricultura de que sempre fez parte. Foi o dr. Sampaio que, conjunctamente com o fallecido conde da Praia da Victoria e João Marcellino, levaram a effeito a primeira e unica Exposição Agricola-Industrial que houve n'aquella cidade.

Em 1860 foi nomeado Director do Posto Meteorologico de Angra, que desde então tem funccionado e cujos trabalhos foram desde logo apreciados pelo Observatorio de Utrecht e pelos observatorios americanos. Estas funcções foram exercidas gratuitamente.

Em 1857, tendo sido creada a cadeira de physica e chimica no Lyceu Nacional de Angra, e aberto o respectivo concurso, foi o dr. Sampaio a Lisboa tomar parte n'esse mesmo concurso e logo nomeado professor proprietario, logar que exerceu até ao fim do anno lectivo de 1896 a 1897, requerendo então a sua aposentação por se achar ao abrigo da lei para semelhante concessão.

Sendo professor, foi nomeado reitor d'este lyceu, logar que exerceu até á nova reforma de instrucção secundaria, e que tornou incompativeis as funcções de professor com as de reitor.

O quanto era estimado pelos seus discipulos attesta-o as festas promovidas em 1889 pelos alumnos d'aquelle lyceu no seu regresso a este estabelecimento.

Varias commissões scientificas foram commettidas ao dr. Sampaio. Citam-se, entre outras, a de em 1854 ser encarregado pela Camara Municipal de Angra para estudar o — *Coccus* — que então devastava os laranjaes da ilha. O seu relatorio foi publicado no *Panorama* vol. 9.º.

Em 1856 analysou as aguas mineraes da Serreta, e, enviando o resultado dos seus trabalhos á Sociedade Pharmaceutica Lusitana, esta lhe conferiu o diploma de socio correspondente.

Não esqueceremos o tributo de reconhecimento que lhe tributou o dr. Trillitz, botanico americano, pelo auxilio que o dr. Sampaio lhe prestára na confecção da flora dos Açores.

Não podia, pois, o Occidente deixar de prestar o devido preito á memoria de tão notavel açoriano, honrando as suas paginas com o seu retrato, e enderecando ao sr. José Augusto da Silva Sampaio, a expressão carinhosa de profundo pezar pela perda de seu illustre pae.

DR. NOGUEIRA SAMPAIO
FALLECIDO EM 25 DE JULHO DE 1900

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

Os cruzadores S. Grabriel e S. Raphael

Vão chegar ao Tejo estes dois navios de guerra, cujos nomes gloriosos são os das náus que levaram pela primeira vez os portuguezes á India.

Construidos pela companhia Forges et Chantiers, tem cada um dos cruzadores 1:800 toneladas e machinas da força de 2:650 cavallos. O custo de cada um d'elles foi de 3:150.000 francos.

Teem 75 metros de comprimento, 10 de bocca, 4,3 de calado e 7 de pontal.

Os paioes podem conter 300 toneladas de carvão.

O casco é de aço; o convez é couraçado.

Cada cruzador tem 7 escaleres, sendo um d'elles a vapor, com 8 metros de comprimento.

O seu armamento compõe-se de dois canhões de tiro rapido; quatro de 12 c; oito de 47 m/m, duas metralhadoras e um tubo lança-torpedos.

O municiamento é de 150 cargas por canhão de 12 e 15 centimetros, e 300 por cada uma das outras peças.

VASO ETRUSCO

A Etruria foi uma das nações mais notaveis da antiguidade por seus feitos d'armas e pelo grau de civilisação a que chegou. A sua opulencia, o luxo e vicios seus companheiros é que lhe determinaram a queda, sendo submettida pelos romanos 224 annos antes de Jesus Christo.

A velha Etruria é hoje a Toscana na Italia unida, e d'ella só resta a memoria, conservada principalmente pelo brilhantismo das suas artes, sendo ainda hoje conhecida e altamente apreciada, além da architectura etrusca classica, a pintura e a louça de que deixaram modellos ainda ao presente seguidos, nas formas elegantes e originaes, como o vaso de que apresentamos a gravura.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

O CRUZADOR S. RAPHAEL

O CRUZADOR S. GABRIEL

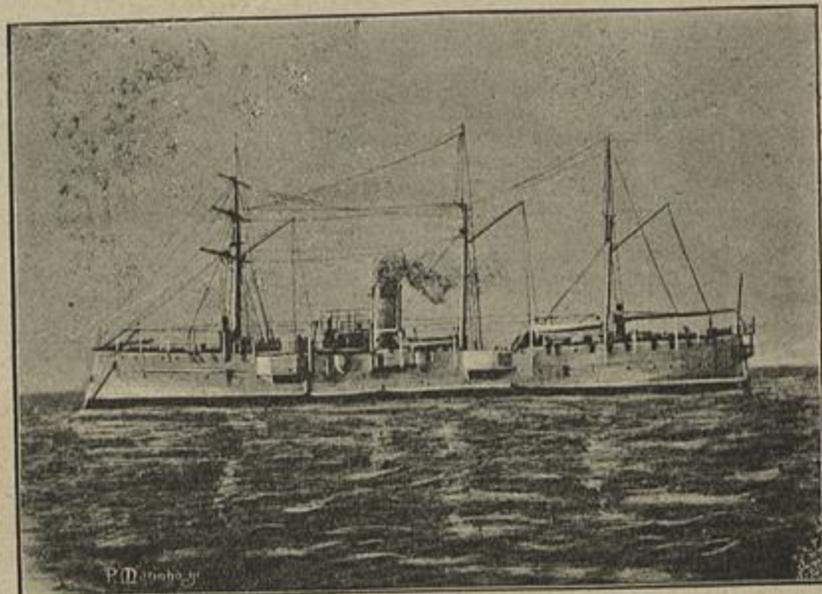
Commemoração da batalha do Bussaco

Aqui a aguia vencedora
Offuscar seu brilho outr'ora
Por nossas armas já viu:
—Empolgava quasi a Europa,
Mas á forte lusa tropa
O colosso succumbiu.

Delfim Maria d'Oliveira Maya.

Passa no dia 27 d'este mez uma das datas mais gloriosas da historia de Portugal, no presente seculo.

Foi n'esse dia que se feriu a notavel batalha do Bussaco. Commemorar tal feito é de bom ensinamento, e por isso, transcrevemos, com a devida venia, a bella descripção que o sr. dr. Augusto Mendes Simões de Castro faz da celebre batalha, no seu livro *O Bussaco*, e acompanhamos com uma gravura da famosa matta junto á qual se deu.

«Juncto dos muros do Bussaco se feriu no dia 27 de setembro de 1810 uma famosa batalha, em que o exercito anglo-luso, sob o commando de lord Wellington, offuscou pela primeira vez a gloria militar do afortunado

e celebre Massena, — o *filho querido da Victoria*, como lhe chamava Napoleão.

Havendo as tropas francezas invadido por duas vezes o nosso paiz, sem que obtivessem vantagem decidida, a primeira em 1807 capitaneadas por Junot, e a segunda em 1809 por Soult; resolveu Napoleão mandar de novo invadir Portugal por um grande exercito sob o commando do marechal Massena, que effectivamente transpoz a nossa fronteira em agosto de 1810, depois de tomar Astorga e Ciudad Rodrigo.

Era Messena precedido pela grande fama de seus esplendidos feitos militares; alcançara victorias assignaladas, e ufanava-se de ter salvado a França com a batalha de Zurich, que havia ganhado contra os russos, e com a memoravel defesa de Genova, com que facilitára a Napoleão a passagem dos Alpes. Trazia comsigo generaes de grande pericia; e suas tropas eram numerosas, aguerridas e valentes. Os nossos soldados eram em menor numero, grande parte recrutas, que nunca tinham sahido a campo contra o inimigo.

Bem desegual era pois o partido; todavia os brios da nação tudo suppriram, e o *filho querido da Victoria*, que, segundo a linguagem soberba de Napoleão, vinha arrojar Wellington para o Oceano, teve de se reconhecer vencido e de evacuar o paiz depois de muitos revezes.

Entradas as tropas francezas em Portugal, o seu primeiro passo foi o cêrco de Almeida. Uma terrivel explosão succedida nos armazens de polvora d'esta praça no dia 26 do dicto mez de agosto obrigou a guarnição a capitular.

Tractou Massena immediatamente de dispor as cousas para realisar o seu plano de invasão, e ordenou aos diversos corpos do seu exercito fizessem colheitas e se provessem de viveres para dezesete dias — tempo que calculára o necessario para a conquista de Portugal.

No dia 20 de setembro acamparam as tropas juncto de Vizeu. Esta cidade fôra abandonada pelos habitantes, e Massena encontrando-a deserta, ficou surprehendido e viu transtornados seus planos; pois não só esperava que o povo portuguez o receberia bem, mas contava por consequencia encontrar facilmente os necessarios recursos para o exercito proseguir com facilidade nas suas operações.

Convocou Massena os officiaes de estado maior e alguns portuguezes que trazia comsigo, para o instruirem da estrada que mais conviria seguir em direcção a Lisboa, e deliberou-se que se marchasse pela de Tondella a Sancto Antonio do Cantaro.

No dia 25 poz-se todo o exercito em movimento, e veiu acampar em Tondella e cercanias. En-

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO BUSSACO — NA MATTA DO BUSSACO

controu esta villa deserta e completamente desprovida de mantimentos.

No dia 26 continuaram as tropas a sua marcha. Na ponte do Criz achou a vanguarda alguma resistencia por parte dos alliados, mas depois de ligeiro combate abandonaram estes a ponte, deixando-a cortada. Repararam-na logo os francezes e por ella pôde passar a artilheria; a cavallaria e infanteria passaram n'um vão pouco acima da ponte.

A vanguarda dos alliados continuou a affastar-se até Sancto Antonio do Cantaro, e n'este ponto oppoz forte resistencia. Viram os francezes que lhes era impossivel vencer esta posição, e ao mesmo tempo descobriram uma força superior sobre a montanha do Galhano. Fizeram então reconhecimentos para todos os lados, mas foram rechassados successivamente.

N'estas circumstancias, participaram a Massena (que havia ficado muito para traz) que os alliados se oppunham a passagem da montanha com forças consideraveis. Veiu Massena reconhecer a posição, e seguidamente perguntou ao general Pamplona, se julgava que os alliados offereceriam batalha. Respondeu este que sem duvida, visto como sobre a montanha se descobriam forças tão consideraveis. Disse então Massena, convencidissimo e em tom de oraculo: — «Eu não me persuado que lord Wellington se arrisque a perder a sua reputação; mas se o faz, *je le tiens; demain demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noyerai le léopord* [1]».

Mal diria Massena que dentro de bem poucas horas haviam as cousas de succeder tanto pelo contrario do que esperava!

Antes de resolver atacar a posição, Massena convocou em o dia 26 o marechal Ney, o general Regnier e o general Junot para os ouvir e conferenciar com elles ácerca do que conviria fazer. Ney opinou que se não atacasse a posição no dia seguinte. Bem calculava elle que durante a noite se reuniria todo o exercito anglo-luso e que no dia immediato teriam os francezes de arcar com todas as forças alliadas. Regnien e Junot seguiram o parecer de Ney.

Disse então Massena:

— *Eh bien, que faut-il faire?*

— *Prendre position à Viseo*, respondeu Ney, *ou bien retourner sur nos pas à Almeida pour contenir l'Espagne, et écrire à Paris que nous n'avons pas assez de forces pour faire la conquête du Portugal.*

Por esta resposta, que tão pouco se harmonisava com a intrepidez de Ney, julgou Massena que o fim com que se pretendia desvial-o do combate era prival-o da gloria de conquistar o reino e tornal-o mal visto de Napoleão. Esta desconfiança, que se fundava em desintelligencias que tinha havido entre os dois marechaes depois da tomada de Ciudad Rodrigo, fez com que Massena não sómente deixasse de seguir o parecer de Ney, em verdade inadmissivel, mas que até desprezasse os meios de tornear a posição, o que indubitavelmente seria mais acertado. Ordenou então que no dia seguinte se atacasse a serra, dizendo: *Je ne croi là que l'arrièregarde ennemie; si toute l'armée s'y trouve, tant mieux, le bonheur de l'enfant chéri de la victoire ne l'abandonnera pas!* [2]

O general Freirion e o general Eble, convencidos da grande vantagem da posição dos alliados, tambem aconselharam a Massena que em vez de obrigar Wellington a abandonar lhe a sua formidavel posição por meio de uma batalha *atacando o boi pelos pés*, tractasse de tornear a montanha. Massena, obstinado no seu proposito, contentou-se com responder: *Vós que sois do exercito do Rheno, vós outros que gostaes de manobrar, é a primeira vez que Wellington parece disposto a dar batalha; quero portanto aproveitar-me da occasião...* Massena animava as suas tropas dizendo: *Meus amigos esta montanha é a chave de Lisboa, é preciso ganhal-a com a ponta das bayonetas; esta victoria ainda, e repousaremos depois!*

Como se illudia!

No dia 26 ficou reunido na raiz da serra do Bussaco todo o exercito francez; e no mesmo dia tambem todas as tropas alliadas se postaram na montanha.

É quasi impossivel determinar precisamente as forças de um e outro exercito. Variam muito n'este ponto as asserções de varios escriptores; é, porém, certo que os francezes eram em maior numero.

O bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, diz que não póde ir muito longe da verdade a estimativa, que attribue aos francezes, depois da reunião dos tres corpos, 80 para 90:000 homens, e 50 para 60:000 aos alliados [1].

Thiers avalia em 66:000 homens os tres corpos de Massena.

A força do exercito francez é computada por Wellington em 72:000 homens, computo que o sr. Simão José da Luz Soriano julga exaggerado.

O mesmo Wellington diz que as forças que no Bussaco teve em campo se compunham de 49:175 homens, sendo 24:000 inglezes, e 25:175 portuguezes; mas o sr. Simão José da Luz é de opinião de que a força portugueza era de 29:065 homens, sendo 880 de artilheria, 1:450 de cavallaria e 26:735 de infanteria [2].

Um official que acompanhou o exercito de Massena faz o seguinte computo das suas tropas:

«Organisação do exercito de Massena, e sua força antes do sitio d'Almeida, no principio de agosto de 1810, que julgo exacta por ter visto e examinado o mappa, que era dado diariamente a Massena em casa do general Freirion, chefe do estado maior general

O 2 corpo — 17:000 homens, commandante Regnier.
O 6 corpo — 19:000 — commandante o marechal Ney
O 8 corpo — 27:000 — commantante Junot.
Divisão Serras — 7:000
Divisão Bosiet — 8:000
Cavallaria — 5:600 — command.te Montbrun.
Total... 83:600.»

O mesmo official faz a seguinte narração da batalha:

«No dia 27 pelas duas horas da noite, todo o exercito se poz em movimento, e foi tomar a ordem de batalha que se segue.

(Continúa) *Augusto Mendes Simões de Castro.*

¹ *Relação de alguns acontecimentos notaveis da campanha de Messena em Portugal, escripta por um official, que acompanhou o mesmo exercito*, Impressa no *Investigador Portuguez em Inglaterra*, n.º XXI, de março de 1813.

² Constam estes pormenores do curiosissimo livro intitulado *Aperçu Nouveau sur les Campagnes des Français en Portugal, en* 1807, 1808, 1809, 1810 *et* 1811, obra impressa em Paris em 1818. E' anonymo este livro, mas consta ter sido escripto pelo general portuguez, Manuel Ignacio Martins Pamplona, que acompanhou o exercito de Massena.

¹ Veja *Summario Historico da Campanha de Portugal, desde agosto de* 1810 *até abril de* 1811 no tomo 1.º das *Obras* de D. Francisco Alexandre Lobo.

² Veja *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal*, por Simão José da Luz Soriano, Segunda Epocha, Guerra da Peninsula, tomo III, pag. 167, nota.

O CYCLISMO

VII

CONSELHOS PRATICOS AOS CYCLISTAS

4 — Perigos e accidentes do «touriste» na estrada

A viagem só apresenta perigos quando se anda demasiadamente com excesso.

Regra geral, deve-se estabelecer o principio que o pulso não augmente mais de 10 a 15 pulsações em media, a respiração de 8 a 10 movimentos n'um minuto. Fóra d'isto fica-se exposto a accidentes muito graves; syncope, golpe de sol, curvatura, perturbações nervosas geraes.

A *syncope* é devida á paragem simultanea do coração e da respiração, estado que dá a perda de sentidos; é passageira ou persistente; n'este ultimo caso produz a morte rapidamente.

A syncope é provocada por uma acção reflexa que pára bruscamente o coração cansado, ou pela paragem da funcção nervosa produzida pela accumulação do acido carbonico e dos productos toxicos no sangue. As pessoas que teem lesão do coração, do pulmão ou do systema nervoso, estão particularmente predispostas.

O cyclista surprehendido pela syncope deverá ser primeiro que tudo deitado de costas, a cabeça mais baixa que o resto do corpo e desembaraçado de tudo que pode difficultar a respiração: cinto, collarinho, gravata, etc.; bate-se-lhe no rosto com a mão ou com um panno molhado. Estes meios, que dão bom resultado quasi sempre, não devem ser prolongados mais de 5 a 8 minutos.

Se falham, deve-se recorrer ás praticas da respiração artificial e ás *tracções rythmicas da lingua.*

Este ultimo meio merece ser vulgarisado. Aberta a boca, segura-se a lingua do doente com o pollegar e os primeiros dedos cobertos d'um lenço para evitar o escorregamento. Puche-se então vigorosamente para fóra a lingua, com movimento um pouco brusco e largue-se immediatamente.

Repete-se o mesmo 10 a 20 vezes por minuto, ou, melhor, regula-se o rythmo dos movimentos pelos proprios movimentos respiratorios.

O fim da syncope é indicado por um soluço em seguida ao qual a respiração se restabelece, em geral de todo.

O *golpe de sol* é um estado mal definido que se apresenta em geral assim: Quando se faz um esforço exagerado n'um dia quente, em pleno sol, pode-se ser atacado bruscamente por um mal estar muito violento com sensação de abafamento; o coração bate muito depressa, o corpo cobre-se de suor abundante, a intelligencia e os sentidos enfraquecem, a temperatura do corpo pode attingir 40⁰ e mais, por desfallecimento das forças.

Isto passa, como um accesso, em geral bastante curto, 15 a 10 minutos, seguido logo d'um tremor generalisado.

Este accidente é devido provavelmente a uma intoxicação intensa em seguida á formação brusca de toxinas ou pela falta da sua eliminação.

Reclama os seguintes cuidados: Posição horisontal, cabeça baixa, á sombra em logar arejado e socegado. Faz-se beber ao doente um cordeal quente, chá, rhum e assucar em partes eguaes). Quando haja tremor convem cobrir as extremidades e mesmo todo o corpo com cobertores, reanimar o doente, empregando, quando seja necessario, botijas com agua quente. Um descanso de muitas horas é conveniente antes de transportar o doente que deve ficar deitado em observação pelo menos durante 24 horas.

A *curvatura* dá-se depois d'um exercicio muito violento e prolongado. Os principaes symptomas apparecem algumas horas depois da terminação do movimento. Ha febre com calafrios e sede ardente, dores violentas nos membros, palidez, transpiração profusa e diarrhea.

Este estado, que se prolanga durante muitos dias e simula muitas vezes o principio de febre typhoide, póde ser o ponto de partida d'uma serie d'accidentes muito máos; é assim que o germen da tuberculose póde encontrar, n'estas circumstancias, meio favoravel ao seu desenvolvimento e produzir funestissimas alterações.

As *perturbações nervosas* provocadas pelo abuso da bicycleta são bastante curiosas e especiaes que merecem sitarem-se.

A longa repetição dos movimentos, junta á fatiga e a alimentação insufficiente, produz estados nervosos caprichosos que podem ser assim graduados.

Nas primeiras horas de marcha encontra-se um estado de bem estar muito sensivel, em seguida é frequente haver fome e sede intensas, tristeza profunda e depressão psychica desagradavel. Depois apparecem idéas fixas, importunas, que podem ir até ao delirio parcial; finalmente pode haver hallucinações persistentes durante certo tempo depois de parar.

O cyclista quando desce está em estado d'automatismo, isto é, não pode fazer movimento algum voluntario; mas se monta novamente na machina ainda é capaz de dar uma corrida bastante longa.

E' provavel que a longa repetição rythmica do mesmo movimento produza no velocipedista, um estado comparavel ao que certas seitas religiosas do Oriente obteem por meio de praticas analogas. A insensibilidade da pelle que d'ahi resulta permitte-lhe executar algumas charlatices que todos conhecem.

Estas perturbações nervosas desapparecem muito rapidamente com o repouso; não parecem apresentar gravidade immediata, mas devem-se evitar.

Se os *tourises* partem em grupo numeroso é provavel que alguem d'esse grupo vá prevenido com os primeiros soccorros para um desastre.

Ligaduras, pacotes de gaze aseptica, uma porção de algodão hydrophilo, adhesivo, tbesoura e duas pinças constituem uma pequena bagagem que em mãos de pessoa algo experimentada prestará grandes serviços.

No caso contrario, é melhor não se embaraçar com objectos cujo uso desconhece.

Se acontece haver ferida de certa importancia nos membros ou no rosto, emquanto o medico não apparece, deve-se ferver um lenço limpo n'uma vasilha com agua, deixa-se arrefecer e colloca-se sobre a ferida, seguro por um pano ajustado. Em caso de ferida no rosto é chamar o medico immediatamente para evitar cicatrizes visiveis e sempre desagradaveis.

5. — Limpeza da machina

Em velocipedia nem tudo são rosas, a posse d'uma machina impõe trabalhos que nunca são

agradaveis, quero fallar da limpeza e da conservação.

Do mesmo modo que para vêr não ha como o olho de mestre, assim uma machina será bem conservada só pelo seu proprio dono.

Para limpar depressa e bem uma machina, é sempre melhor ter um sitio especial, onde esteja á mão tudo que é preciso: esponja, trapos, petroleo, azeite, vaselina, duas escovas proprias d'unhas e um pincel para limpar as partes pouco accessiveis.

Um expediente commodo para limpar bem uma machina é pôr as rodas no ar, voltando-a sobre o selim e guiador sendo este direito. Pode tambem servir uma caixa usada sem tampa, fazendo-lhe nos lados dois entalhes que recebem o guiador e o selim assente no fim; a machina assim voltada não corre risco de cair.

Tira-se-lhe o pó com um espanador ou um panno enxuto. Mas a limpeza não se limita a isto, é tambem preciso limpar cuidadosamente o rebordo das caixas das rodas da mistura de gordura e pó, que no fim de certo tempo suja a parte interior.

Verifica-se que as caixas das rodas não jogam pegando nas rodas pelo aro e sacudindo-as á altura dos garfos; que o pedaleiro está bem regulado agarrando uma manivella (não o pedal) procurando afastal-a e depois aproximal-a do quadro; sentindo-se o choque seco que indica jogar, regula-se immediatamente a caixa segundo o processo indicado pelo constructor; no que não ha regra geral.

Com duas gotas d'azeite na roda de diante, quatro na roda de traz, e nos pedaes, seis no pedaleiro, a machina pode andar 50 a 100 kilometros, conforme o estado das estradas, a temperatura, etc.

A corrente, é de todas as partes da machina, a que dá mais cuidados para limpar. Uma escova espesa, passada pelas rodas e corrente, limpa-as bem; mas engordurando-as, o pó agarra-se-lhes. Não engordurar faz ranger. Em summa para ter a corrente limpa só mettida n'uma caixa —*carter*; pode-se então engordural-a á vontade, com azeite ou com uma mistura, em partes eguaes, de vaselina e plombagina.

A lama complica bastante a limpeza; tira-se quando ainda está humida, ou depois de a ter ligeiramente humedecido com uma esponja quasi completamente exprimida. Um meio preventivo de a impedir d'atacar o nichel das diversas peças como o guiador consiste em untar com vaselina muito ligeiramente com um trapo, uma escova ou um pincel embebido em petroleo.

Quanto á lavagem com muita agua, processo apaixonado dos corredores dos hoteis, é preciso evitar, porque faz penetrar nas juntas das caixas uma lama liquida que as deteriora.

VIII

O CYCLISTA PROFESSOR

Os cyclisttas já experimentados teem muitas vezes de fazer as funcções de professor de byciclettas. Para isso é preciso ser vigoroso, agil e principalmente paciente. O discipulo posto no selim, n'uma machina tanto quanto possivel baixa e com ganchos, o instructor mantem-n'o em equilibrio segurando com a mão esquerda o guiador e com a direita o espigão do selim, sem nunca empurrar.

E' o proprio discipulo que tem de andar movendo os pedaes; ensina-se-lhe que quando se sinta cair, tem de voltar o guiador para o lado da queda, e evitar absolutamente torcer-se no selim e pedalar regular e vigorosamente.

Principalmente não ter medo de cair; o professor lá está para atenuar a queda, e um trambulhão com tão pequena velocidade não pode ser perigoso.

Quando o discipulo começa a comprehender o equilibrio do cyclo, deixa-se de segurar no guiador, depois deixa-se de todo correndo ao lado d'elle. Muitos em Paris, acompanham o neophyto em bycicletta segurando-o com uma mão. Este exemplo não é bom seguir nos caminhos frequentados, nem que sejam dous professores para um discipulo. Muitos principiantes um pouco desembaraçados preferem com rasão andar sós. E' batendo o ferro na forja que se faz o ferreiro, não ha como uma queda sem gravidade para ensinar os principios do equilibrio.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

IV

HADGI-STAVROS

M.ess Simons, que dormia ao pé da filha, sonhando, como era seu costume, com a policia, acordou de sobresalto e poz-se á janella, isto é, sobre a cascata. Ficou passada, vendo inimigos em vez de salvadores. O que mais a espantou foi a importancia e a quantidade de gente d'aquella expedição matutina. Contou sessenta homens atraz de Hadgi-Stavros. Sessenta! Só ficariam vinte para guardar-nos! A idéa d'uma evasão, na vespera repellida, apresentou-se-lhe ao espirito com certa auctoridade. Logo viu desfilar mais gente. Dezaseis, dezasete, dezoito, dezanove, vinte homens! Não ficaria ninguem no campo? Eramos livres!

— Mary-Ann! gritou ella.

E o desfilar continuava. A quadrilha era de oitenta ladrões e partiam noventa! Uma duzia de cães seguia na rectaguarda; mas esses não esteve para contal-os.

Mary-Ann ergueu-se, ouvindo que a mãe a chamava, e sahiu da barraca a toda a pressa.

— Livres! girtava M.ess Simons. Partiram todos e ainda mais do que todos. Corramos, minha filha!

Chegaram á escada e viram o campo do Rei todo occupado pela policia. A bandeira grega fluctuava triumphantemente no alto do pinheiro. O logar de Hadgi-Stavros era occupado pelo sr. Pericles. M.ess Simons voou para os braços d'elle, gritando:

— Anjo de Deus! até que os patifes se foram!

O capitão respondeu em inglez:

— Sim, minha senhora.

— Desbaratou os!

— Não fosse eu, minha senhora, ainda aqui estariam.

— Valente mancebo! O combate foi terrivel com certeza.

— Nem por isso. Foi só eu dizer duas palavras.

— Então estamos livres!

— Decerto.

— Podemos voltar para Athenas!

— Quando quizerem.

— Então já!

— Já, já, não pode ser.

— Que fazemos nós aqui?

— Nosso dever de vencedores: estamos de guarda ao campo da batalha.

— Mary-Ann dê um aperto de mão a esse senhor.

A inglezinha obedeceu.

— Senhor! continuou M.ess Simons. Foi Deus quem o enviou. Já tinhamos perdido de todo a esperança. Nosso unico recurso era um allemãosinho da classe media, um sabio que andava por ahi a apanhar ervas e que nos queria salvar por uns caminhos impossiveis. Eu bem sabia que a policia havia de soccorrer-nos. Não é verdade, Mary-Ann?

— É, mamã.

— Estes ladrões são tudo o que ha de mais despresivel. Começaram por nos tirar tudo o que traziamos!

— Tudo? perguntou o capitão.

— Tudo, excepto o meu relogio, que tive o cuidado de esconder.

— Fez muito bem, minha senhora. E guardaram tudo o que lhe tiraram?

— Não; entregaram-me trezentos francos, uma caixa de tocador e o relogio de minha filha.

— E ainda está de posse d'esses objectos?

— Decerto.

— Tiraram-lhes os brincos e os anneis?

— Não, sr. capitão.

— Queira ter a bondade de m'os entregar.

— Entregar-lhe o quê?

— Os anneis, os brincos, uma caixa de tocador, dois relogios e trezentos francos.

Mess Simons revoltou-se.

— Pois quê, senhor! Quer tirar-me o que os proprios ladrões me deixaram!

O capitão observou com toda a dignidade:

— Minha senhora, cumpro apenas o meu dever!

— E' seu dever expoliar-nos!

— Meu dever é recolher quanto fôr necessario para o processo da Hadgi-Stavros!

— E quando ha de elle ser julgado?

— Quando lhe tivermos deitado mão.

— Parece-me que nem as minhas joias nem o meu dinheiro são para ahi chamados. O Hadgi-Stravos aprisionou duas inglezas, que mais é preciso para que o enforquem?

— E' preciso, minha senhora, que sejam observadas todas as formulas de fazer justiça.

— Mas olhe que entre esses objectos que me pede ha alguns que estimo muitissimo.

— Mais uma razão para que m'os confie.

— Mas sem relogio como hei de eu saber...

— Terei sempre muito gosto em lhe dizer as horas.

Mary-Ann, por sua vez, disse que lhe custava separar-se dos brincos.

— Minha senhora, disse o capitão, muito galan, é tão formosa que não precisa de joias.

— É muito amavel, mas a minha caixa de tocador é que me faz uma falta enorme,

— Tem muita, muitissima razão, mas peço-lhe que não insista n'esse ponto. Para que me ha de augmentar o desgosto que já sinto espoliando legalmente duas senhoras tão distinctas? Os militares são escravos do dever. Querem acceitar o meu braço? Na barraca procederemos ao inventario, se me dão licença.

Não perdera nem palavra d'este dialogo e sou bera conter-me; mas vendo aquelle patife offerecer o braço a Mary-Ann para espolial-a polidamente, senti o sangue a ferver e caminhei para elle para lhe dizer duas coisas. Decerto nos meus olhos adivinhou o exordio do discurso, porque me deitou um olhar ameaçador, deixou as senhoras junto da escada, poz-lhes uma sentinella á porta e veio para mim, dizendo-me:

— Agora nós!

Levou-me até ao fundo do gabinete do Rei. Olhou-me fito e perguntou-me:

— O senhor sabe inglez?

Confessei a minha sciencia.

— E grego?

— Tambem.

— Sabe mais do que devia. E o padrinho que não se importa e fala em tudo deante do senhor! Que falasse das coisas d'elle, vá, é Rei, tudo depende da sua espada. Mas falar assim das minhas! Que diabo! Ora ponha-se no meu logar. A minha posição é delicadissima. Não sou rico; só tenho o meu soldo, a estima dos meus chefes e a amizade dos ladrões. A indiscripção d'um viajante pode fazer me perder duas terças partes da fortuna.

— Não cuide que eu guarde segredo das suas infamias!

— Quando cuido de qualquer coisa, nunca me engano na minha confiança. Não sei se o senhor sahirá vivo d'estas serras, se pagará o resgate ou não. Se o padrinho lhe ha de cortar a cabeça, fico socegado; mas se, pelo contrario, o senhor tem que voltar a Athenas, aconselho-o, como bom amigo, a que cale o bico. Conhece um proverbio que diz: «A lingua corta a cabeça?» Medite n'elle com seriedade e não queira tirar-lhe a prova.

— A ameaça...

— Eu não ameaço nunca. Aviso-o. Todos os homens da minha companhia teem um amor respeitoso ao capitão. Cuidam dos meus interesses com mais calor do que eu proprio, e, com muita pena minha, seriam sem misericordia para quem me houvesse atrahido qualquer dissabôr.

— Para que treme, se tem tantos cumplices?

— Nada temo dos gregos. Em tempos normaes nem tanto insistiria nas minhas recommendações. Temos entre os chefes uns esturrados, que pretendem que os salteadores devem tratar-se como se tratam turcos; mas, em compensação, encontraria defensores convictos. O mal está na diplomacia, que poderia intrometter-se, e a presença d'um exercito estrangeiro seria perniciosa á minha causa. Se, por sua culpa, me acontecesse desgraça, já fica sabendo a quanto se expunha. Não ha maneira de dar quatro passos pelo reino sem encontrar um homem da policia. Toda a estrada de Athenas ao Pireu é vigiada por essas más cabeças e um desastre é coisa facil de acontecer.

— Muito bem, meditarei.

— Promette-me segredo?

— Nada me pergunte e eu nada lhe prometto. Avisa-me; tomo nota.

— Quando chegar á Allemanha, conte o que quizer. Fale, escreva, imprima, pouco importa. Se fielmente descrever o que viu, toda essa boa parte da Europa ha de accusal-o por assim diffamar um povo illustre e opprimido. Os nossos amigos, que são muitos, hão de classifical-o como leviano e ingrato. Hão de lembrar-lhe que foi hospede de Hadgi-Stravos e meu, e accusal-o de haver trahido as santissimas leis da hospitalidade. Mas o melhor ainda ha ser que ninguem o acredita. O publico só confia em mentiras verosimeis. Vá lá capacitar os idiotas de Paris, de Londres e de Berlim que viu um commandante de policia tu cá, tu lá, com um capitão de ladrões! Uma companhia

de tropas escolhidas ficam de sentinella aos captivos de Hadgi-Stavros para este poder mais á vontade roubar a caixa do exercito! Os mais altos funccionarios do Estado fundando uma companhia por acções para despojar os visitantes! Sabe o que nos protege contra os descontentamentos da Europa? E' a inverosimilhança da nossa civilisação. Felizmente para o nosso reino tudo quanto verdadeiro se escrever contra nós será sempre tão violento que ninguem o vai acreditar. Poderia citar-lhe um livrinho que não foi feito para nos elogiar e que todo elle é verdade. Por toda a parte o leram, em Paris acharam-o curioso, mas só n'um sitio pareceu verdadeiro, foi em Athenas. Se quizer escrever-lhe a continuação, escreva, mas antes d'isso vá-se embora, senão poderia dar-se o triste caso d'umas gotas de sangue na ultima pagina.

— Mas, repliquei, se houver alguma indiscrição antes da minha partida porque me ha de accusar?

— Só o senhor sabe do meu segredo. As inglezas cuidam que as vim livrar do Hadgi-Stavros. Até que o Rei volte, deixo-as n'essa illusão. Os nossos amigos devem chegar hoje á noite ás rochas Scironianas, ámanhã pela tarde põem mãos á obra, segunda feira de manhã, vencedores ou vencidos, temol-o ahi de volta. Facil me será provar ás prisioneiras que cahimos n'uma surpreza. Emquanto o meu padrinho estiver longe, hei de, meu senhor, protejel-o, contra o senhor mesmo, afastando-o das senhoras. Ha de emprestar-me a sua barraca. Tenho, como vê, a pelle muito mais delicada que a de Hadgi-Stavros, não quero expol-a ás intemperies. Que diriam no dia 15, no baile da côrte, se eu lá apparecesse queimado como um trabalhador de enxada? Além d'isso, preciso fazer um boccado de companhia áquellas desgraçadinhas: é um dever de libertador. O sr. dormirá aqui, entre os meus soldados. Com licença. Ianni! Cabo Ianni! Este senhor fica a teu cargo. Fal-o vigiar por quatro sentinellas que renderás de duas em duas horas. Adeus!

Cumprimentou-me muito polidamente e desceu cantarolando a escada de M.ess Simons. A sentinella apresentou armas.

Começou n'esse instante para mim um supplicio de que o espirito humano não faz idéa. Toda a gente sabe ou calcula o que é uma prisão; mas imaginem agora uma prisão viva, ambulante, quatro paredes que vão e veem, afastam-se e approximam-se, andam á roda, esfregam as mãos, coçam-se, assoam-se, estremecem, giram e fitam obstinadamente oito grandes olhos negros no prisioneiro!

Experimentei passear: o calaboiço de oito pés acertou o passo com o meu. Fui até á fronteira do acampamento: os dois homens que me precediam pararam de repente e eu fui dar com o nariz nos uniformes d'elles. Voltei. As minhas quatro paredes giraram sobre si mesmas como as scenographias d'um theatro n'uma mudança á vista. Sentei-me. O calaboiço começou a andar á roda de mim. Se ao menos aquelles quatro guerreiros quizessem conversar comigo! Falei-lhes em grego As paredes deviam de ter ouvidos, mas não se fala debaixo de forma. Fiz uma tentativa de corrupção. Tirei da algibeira o dinheiro que Hadgi-Stavros me havia deixado e que o capitão se esquecêra de roubar-me. Distribuiu-o pelos quatro pontos cardeaes do meu cubiculo. As paredes sombrias tomaram um aspecto risonho. O calaboiço pareceu-me illuminado por um raio de sol. Mas cinco minutos depois, o cabo veiu render as sentinellas. Havia duas horas que eu estava preso!

Se o dia me pareceu comprido, a noite pareceu-me eterna. O capitão com a barraca ficára-me tambem com a cama e o rochedo em que me deitei estava longe de ser um colchão de penas. Uma chuvinha penetrante provou-me cruelmente que um telhado é uma bella invenção. Se uma vez por outra, mau grado rigores do céo, conseguia adormecer, logo me acordava o cabo Ianni, a dar ordens ás sentinellas.

Que mais contar-lhe? Acordado ou adormecido, parecia-me sempre ver Mary-Ann e sua respeitavel mãe apertando as mãos do seu libertador.

Como então principiei a ser justo para com o santo Rei das Serras! Que saudades tinha de seu governo doce e paternal! Encommendei-o nas minhas orações:

— Meu Deus! dizia fervorosamente. Dae a victoria ao vosso servo Hadgi-Stavros! Entregae nas mãos d'elle a caixa e até o ultimo escudo d'este infernal exercito! Voltae-nos os ladrões e livrae-nos da policia!

Mal acabava minha oração, ouvi umas descargas lá para o meio do campo. Era uma intrugice do sr. Pericles para que M.ess Simons acreditasse que elle a estava defendendo contra um exercito de salteadores.

Iam-lhe custado caro essas fantasias. Quando os salteadores voltaram para o campo ao romper d'alva de segunda feira, cuidaram que eram verdadeiros inimigos que vinham encontrar e responderam com meia duzia de balas, que infelizmente não apanharam ninguem.

(Continua).

SCIENCIA MODERNA

XV

COMO REMEDIAR UMA FRACTURA N'UM ARTEFACTO DE CELLULOIDE

Concertar um objecto de celluloide fracturado apresenta algumas difficuldades, em virtude das

VASO ETRUSCO

propriedades physicas que caracterisam aquella substancia.

Como é sabido, a celluloide tem a propriedade de se inflammar pelo calor; por conseguinte, quando tenhamos de concertar qualquer artefacto em cuja composição entre a celluloide, deve evitar-se a intervenção d'este agente.

Depois de varias tentativas feitas n'este sentido, parece ter-se encontrado um meio que remedeia este inconveniente.

Se misturarmos n'um frasco perfeitamente rolhado um liquido composto de tres partes de alcool e quatro de ether, teremos d'esta fórma, conseguido obter um liquido que junto ás paredes do objecto fracturado se comporta como um cimento, isto é, formando junto á fractura do artefacto uma camada tão resistente que restitue ao objecto a sua fórma primitiva.

A fórma da applicação da mistura ether-alcoolica é facilissima e não carece de operações nenhumas preparatorias.

Inducta-se os pedaços de celluloide a unir, da mistura, repetindo-se tantas vezes a operação quantas as necessarias para conseguir o ammollecimento das superficies.

Os dois pedaços devem se ajustar, claro é, do lado d'onde receberam a fractura, sendo a mistura cimentosa collocada entre estes. E' necessario, para que se não descollem os dois pedaços, deixal-os em contacto, pelo menos, durante vinte e quatro horas. E' esta mistura que formará, junto ás paredes do artefacto, um cimento de uma consistencia extraordinaria, de modo que o objecto se apresente como se realmente não tivesse recebido nenhuma fractura.

Se dissolvermos uma parte de camphora em quatro de alcool e se lhe juntarmos, egualmente em peso, uma parte de gomma laca, formaremos tambem um outro cimento tão resistente como o primeiro e com applicações identicas.

Os objectos devem ser untados com a mistura quando esta estiver ainda quente, porque aliás o seu effeito seria nullo.

XVI

A TUBERCULOSE E AS ESTAMPILHAS

A philatelia tem tomado, não só em Portugal como tambem nas outras nações, um desenvolvimento não vulgar.

Todos, hoje em dia, pretendem colleccionar estampilhas e o facto quasi que se tornou uma monomania.

Esta diversão, que á primeira vista parece ser inoffensiva, tem, no emtanto, perigos enormes. Não é na estampilha nova onde o perigo mais abunda, mas sim na estampilha usada, onde este mais se manifesta, na estampilha que já tem passado por milhares e milhares de mãos de individuos, muitos d'elles atacados de doenças contagiosas e que por este meio vão contaminar individuos perfeitamente sãos.

A estampilha pode realmente tornar-se um excellente conductor de molestias infecciosas.

Recommendamos, portanto, a todo e qualquer colleccionador de estampilhas que trate sempre de evitar, quando pretenda collocar alguma estampilha no seu album, collar estas com saliva, porque esse é o meio mais facil de transmissão do microbio.

Para comprovar as nossas palavras, vamos narrar um facto que ha pouco succedeu na França.

O dr. Busquet tinha ao seu serviço um creado, um verdadeiro maniaco pelas estampilhas. Este individuo estava tuberculoso no ultimo gráu.

Tinha por habito, quando pretendia collocar uma estampilha n'um caderno que lhe servia de album, leval-a á bocca, juntar-lhe saliva e collocal-a, em seguida, d'esta fórma.

Para experiencia, o distincto clinico, tomou tresentas estampilhas preparadas pela saliva do tuberculoso e mergulhou-as na agua esterilisada ao abrigo do ar. Observou-se então que vinte e quatro horas depois, a agua estava replecta dos micro-organismos d'esta gravissima doença.

Para terminar as suas experiencias, este mesmo senhor innoculou, com o liquido obtido pela introducção das estampilhas cheias da saliva do tuberculoso na agua esterilisada, oito animaes que se achavam em perfeito estado de saude, e observou que todos foram victimas da tuberculose.

Condemnamos, por conseguinte, esta fórma de collocar estampilhas porque pode, a maior parte das vezes, occasionar consequencias funestas a todo aquelle que se utilisar d'esse meio para tal fim.

12-8-900. *Antonio A. O. Machado.*